

O OLHAR DO ESTUDANTE: PERCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE RESOLUÇÃO DO BULLYING

Muryel Moura dos Santos¹.

Instituto Federal do Sertão de Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/599697942144048>

RESUMO: Em 2023, após a vacinação em massa contra a covid-19 realizada pelo SUS, jornais registraram uma série de violências em escolas brasileiras. Em Campina Grande (PB), alguns indivíduos produziram uma lista com escolas que seriam alvos de práticas violentas, o que exigiu das instituições de ensino o reajuste de suas atividades pedagógicas para proteger a integridade física e mental dos alunos. Diante desse contexto, o objetivo deste artigo é apresentar a percepção e a resolução de alunos do segundo ano do ensino médio sobre o bullying na escola, privilegiando o olhar do estudante em situações de violência simbólica ou física. A metodologia é qualitativa, de cunho etnográfico, utilizando observação participante, conversas informais e interações em sala de aula com seis turmas de um bairro periférico de Campina Grande. A presente pesquisa revela um olhar perspicaz dos alunos, capaz de transformar suas interações entre si e com a sociedade. Nesse sentido, faz-se necessária uma escuta ativa dos profissionais da educação para identificar situações prejudiciais ao desenvolvimento dos jovens, possibilitando que eles sejam ouvidos e que se compreenda, assim, o fenômeno do bullying no contexto escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção. Resolução. Bullying.

THE STUDENT'S PERSPECTIVE: PERCEPTIONS OF VIOLENCE AND BULLYING RESOLUTION STRATEGIES.

ABSTRACT: In 2023, after the mass vaccination against covid-19 carried out by the Brazilian Unified Health System (SUS), newspapers recorded a series of violent incidents in Brazilian schools. In Campina Grande (PB), some individuals produced a list of schools that would be targets of violent acts, which required educational institutions to readjust their pedagogical activities to protect students' physical and mental integrity. Given this context, the aim of this article is to present the perception and resolution of second-year high school students regarding bullying at school, focusing on the students' perspective in situations of symbolic or physical violence. The methodology is qualitative, with an ethnographic approach, using participant observation, informal conversations, and classroom interactions with six high

school classes in a peripheral neighborhood of Campina Grande. As a result, the research reveals a perceptive look from the students, capable of transforming their interactions with each other and with society. In this sense, active listening by education professionals is necessary to identify situations that are harmful to the development of young people, allowing them to be heard and thus understanding the phenomenon of bullying in the school context.

KEY-WORDS: Perception. Resolution. Bullying.

INTRODUÇÃO

O termo *bullying* deriva do inglês e significa “intimidação” ou “assédio moral”. O bullying é uma prática desenvolvida por um indivíduo no interior de um espaço social em que ele legitima sua intimidação. Trata-se de uma ação realizada nos espaços escolares, nos quais um número considerável de alunos passa a frequentar durante anos. De acordo com o pesquisador pioneiro Olweus (1973), na Noruega, o bullying não é um fenômeno muito antigo. Ele destaca que se trata de um tipo de violência sistêmica que produz vergonha ou humilhação e tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores, não somente pelo fato de ser um fenômeno social que acontece com crianças e adolescentes, mas também porque marca a vida de várias pessoas.

Como esse fenômeno eminentemente social faz parte do espaço escolar, proponho analisar o bullying a partir do projeto de intervenção profissional e do estágio supervisionado em uma escola de Campina Grande-PB, buscando trazer um pouco da visão dos alunos do segundo ano do ensino médio sobre esse problema social presente no ambiente escolar.

A proposta é analisar a compreensão e as perspectivas de resolução do bullying na escola por meio da visão dos alunos, indivíduos que convivem durante anos com outros colegas e que sofrem com esse problema repetidas vezes ao longo do tempo. Chego a esse tema por meio dos ataques sucessivos e planejados às escolas nos anos de 2023 no território brasileiro, amplamente noticiados pelos jornais. Esses ataques projetaram certa tensão sobre as escolas, pois não se sabia onde e quando tais práticas seriam desenvolvidas.

Na escola em que estagiei, o diretor e a equipe educacional realizaram um “momento de paz”, tendo em vista que essa escola foi adicionada à lista que circulava nas redes sociais sobre instituições que receberiam ataques. Tendo esse plano de fundo da violência física nas escolas, analisar o bullying se torna importante para se entender como determinadas práticas podem legitimar ações agressivas por parte de alguns alunos (ABRAMOVAY, 2012). Buscou-se entender como os alunos compreendem este fenômeno e propõem solução para ele.

Tenho observado que, nesta escola em especial, localizada em um bairro periférico em relação aos bairros de destaque, há possibilidade de diálogo antes de o problema se tornar ou chegar à violência física, e que as turmas do segundo ano do ensino médio são mais abertas ao diálogo para resolver os problemas (ABRAMOVAY, 2002). Com isso,

desconstrói-se a visão corrente de que os bairros periféricos são propensos à violência e ao estigma da marginalidade social.

O objetivo geral deste artigo é entender, por meio da visão dos alunos, o bullying, e os objetivos específicos são quais as propostas deles para a resolução desse problema.

Diante do contexto de mudanças que o país sofreu nos últimos anos e dos ataques às instituições, em especial à educação, por parte de figuras públicas e apoiadores extremistas que fomentaram e financiaram tais práticas, torna-se fundamental entender como a educação pode contribuir, compreendendo os problemas sociais que as pessoas vivenciam frequentemente por meio da visão de quem é acometido por esses problemas. Além disso, a educação fornece meios de identificar e resolver o bullying, como mostrou o trabalho pioneiro produzido pelo pesquisador Olweus (1994).

A metodologia empregada nesta pesquisa deriva da prática profissional docente. Os dados foram obtidos durante 6 meses de observação em sala de aula, apresentação do conteúdo e realização de atividades sobre o tema. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa e de cunho etnográfico, analisando o fenômeno do bullying em 6 (seis) turmas do segundo ano do ensino médio, com aproximadamente 30 alunos por turma. O artigo está dividido em dois momentos: no primeiro, o leitor encontrará a visão dos alunos sobre o bullying, o que eles pensam a respeito; no segundo momento, serão apresentadas as possíveis soluções para a resolução do problema.

OBJETIVO

Entender o bullying a partir dos alunos e suas propostas para sanar/minorar esse tipo de prática no ambiente escolar. Isto é, o trabalho visa apresentar pelas lentes daqueles que sofrem violência física ou simbólica no ambiente escolar como eles pensam em resolver tal problemática.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa aplicada nesta abordagem é qualitativa, com o intuito de entender a vida dos alunos da escola estadual em relação ao tema do bullying. Buscou-se explorar, de forma descritiva e explicativa, a maneira como os alunos entendiam o bullying por meio de desenhos, comportamentos em sala de aula quando o tema da aula era anunciado e pela forma narrativa em atividades.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma perspectiva etnográfica, com o intuito de registrar em campo, por meio da observação participante, a maneira como os alunos reagiam à temática em sala e como se comportavam nos intervalos, num contexto em que a violência escolar estava sendo noticiada nos jornais com regularidade. Desse modo, a pesquisa se deu em uma escola de ensino médio regular, com turmas do segundo ano do

ensino médio, compostas por jovens de 15 a 17 anos, em um bairro de classe média baixa da cidade de Campina Grande-PB. A pesquisa contou com 75 atividades escritas dos alunos com que passaram por análise e condensadas nas páginas que seguem enquanto resultado do empreendimento de investigação do tema. No texto que se segue, não há menção aos nomes dos indivíduos com os quais conversei, sendo essa uma forma de preservar sua identificação, conforme as indicações do Estatuto da Criança e do Adolescente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As escolas são espaços de acolhimento e de conhecimento, nos quais várias pessoas de diferentes gerações passam por esse ambiente e têm suas vidas transformadas ou marcadas pela experiência, boas ou ruins, de participar da escola. O espaço escolar pode ser compreendido como uma instituição formadora e transformadora dos indivíduos que a frequentam; de fato, isso é um elemento importante para a discussão que planejamos aqui. São justamente aqueles que são transformados que merecem abertura para falar sobre os sofrimentos sociais que os atingem no ambiente escolar.

O que é bullying na visão dos alunos

Nesta seção, irei detalhar alguns apontamentos da pesquisa desenvolvida em uma escola periférica da cidade. A partir desse espaço educacional, visto apresentar aquilo a que me proponho neste trabalho: dar espaço para que os alunos e as alunas do segundo ano do ensino médio falem sobre suas percepções acerca do bullying e como eles enxergam que esse problema poderia ser resolvido. A pesquisa teve o viés de deixar os alunos e as alunas falarem sobre suas experiências e compreensões acerca desse fenômeno social. Isto é, oferecer espaço para aqueles que sofrem com esse tipo de violência cotidianamente é fundamental, pois são eles os que mais enfrentam o bullying, como veremos a seguir.

Para mim o bullying são atitudes praticadas por uma ou mais pessoas contra uma vítima, atitudes como rir de alguma insegurança ou gatilho da pessoa até ela sentir incomodo, dependendo vai até além das pessoas, continua nessa ação até a vítima chorar ou não aguentar mais. Muitas vezes também chega ao nível de agressão como, por exemplo, colocar o pé para a vítima cair ou empurrar na parede e entre outras coisas piores, são atitudes que faz essa vitima odiar a sua vida e etc (Aluna, 2 ano E).

O bullying é o ato de envergonhar ou incomodar alguém frequentemente usando alguma característica da vítima, onde geralmente são pessoas mais tímidas que não reagem, apesar que não adianta muito bater de frente. (Aluna, 2 ano E).

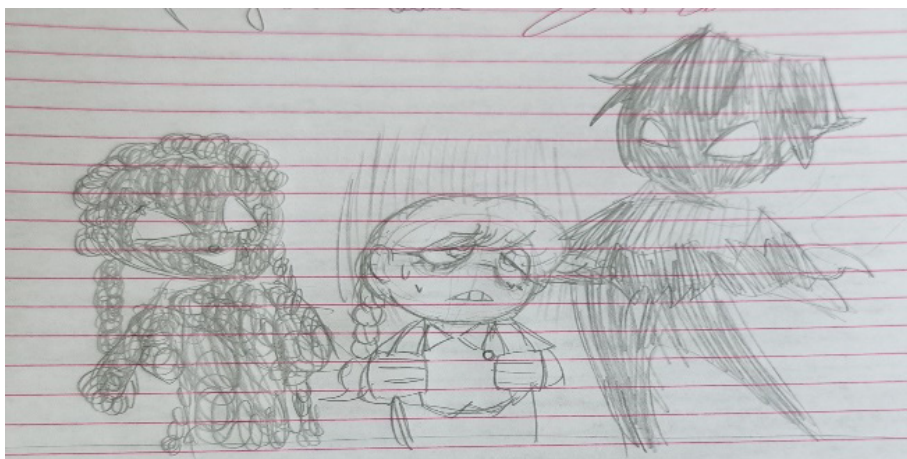
Nesses relatos acima, temos alguns pontos que precisam ser destacados. Por exemplo, a timidez, algo que poderia ser inofensivo, no olhar do *bully* (agressor), é uma forma pela qual ele pode impor suas vontades e rebaixar o outro pelo fato de este ser tímido. A timidez é uma característica de muitos jovens, e isso pode ir diminuindo na medida em que eles vão aprendendo e socializando, na família e na escola. Mas essa timidez também pode ser produto da forma de criação que tais jovens têm no dia a dia familiar. As Ciências Sociais já destacaram esse aspecto (EHRENBERG, 2010).

De toda forma, a timidez é a introjeção de práticas culturais que visam controlar o comportamento do indivíduo, complexificando-se ainda mais quando esse mesmo indivíduo se encontra em um ambiente “hostil”, no qual não há acolhimento nem amizade, como pode ser um espaço escolar. A timidez, ao invés de ser rompida na escola, diante do contexto em que há bullying, na realidade é reforçada e contribui para que a vítima compreenda que seu lugar não é aquele espaço (BOURDIEU, 2003). Nos relatos acima, há a compreensão de que o bullying mexe diretamente com as emoções dos alunos, em alguns casos fazendo-os chorar ou ter algum tipo de burnout por emoções acumuladas. Os relatos continuam:

Bullying se refere a atitudes ameaçadoras que afetam geralmente crianças e adolescentes. Pode ocorrer de forma física por meio de chutes, empurrões ou qualquer tipo de brincadeira que machuque, mas também pode ocorrer de forma verbal que consiste em ameaçar ou intimidar alguém, humilhar, excluir, discriminar pela cor de pele, raça e sexo (Aluna, 2 ano E).

É um ato de zoar com uma pessoa fazendo chacota com ele, um exemplo de bullying é a os xingamentos, apelidos e zombar. Outro tipo de bullying é o físico onde a vítima é agredida com tapas, socos e chutes. E o maior motivo do bullying é fazer isso por diversão (Aluno, 2 ano E).

Figure 1: representação do bullying feito por aluna do segundo ano do Ensino Médio.



Fonte: nosso arquivo.

É notório que o praticante do bullying também se utiliza da força física ou da violência física para concretizar de forma impositiva os seus atos. A presença dos termos “chutes”, “socos” e “empurrões” aparece com frequência nos relatos obtidos dos alunos e alunas, não somente na forma escrita, mas também nos discursos deles quando foram apresentados vídeos educativos sobre o bullying na escola.

Outra forma que ficou destacada nesta breve pesquisa sobre o bullying foi que os apelidos aparecem como forma de conformação do lugar do outro. Quando foram realizadas as aulas sobre o tema, a turma comentava em tom jocoso os apelidos atribuídos entre eles. Na realidade, os apelidos e brincadeiras são formas de brincar com aquilo que costumeiramente a sociedade não brincaria. Isto é, a sociedade só brinca com aquilo que é verdadeiro e real para ela. Com isso, ao brincar com o outro sem o seu consentimento, o bullying reforça o lugar de exclusão daquela pessoa num grupo maior. Pode-se citar o caso de alunos em recortes de: pessoa com deficiência (PCD), raça, gênero e sexo. Queremos dizer com isso que toda violência física ou simbólica exercida repetidamente tem a força de naturalizar as desigualdades sociais do estilo de vida capitalista no ambiente educacional (BOURDIEU, 1975).

Em suma, o bullying atinge todos os alunos e todas as alunas, mas de formas diferentes e em seu conteúdo. Essa violência física e simbólica atinge de tal maneira esses jovens que eles desenvolvem timidez, insegurança e crises emocionais, levando alguns deles até a desistirem dos estudos ou mudarem de escola por causa dessas práticas (BOURDIEU, 2001). O desenho acima, feito por uma aluna autista, representa bem a sensação de conviver num espaço social em que a fraternidade e o companheirismo não se fazem presentes. Quando conversei com essa aluna, ela informou que não queria escrever sobre o assunto; assim, perguntei a ela se gostaria de fazer um desenho que representasse o que era o bullying. No desenho, além da capacidade criativa, observa-se como os traços

realizados pela aluna transmitem as emoções e como ela capta a sua experiência com o bullying.

A seguir, discutiremos de que forma os alunos pensam que se poderia resolver o problema do bullying, quais medidas eles sugerem para mudar essa realidade escolar e cotidiana deles na instituição.

Como resolver o problema

Esta última seção privilegia os apontamentos feitos pelos alunos e alunas da escola sobre como resolver o problema do bullying no ambiente escolar. Não há fórmula mágica para solucionar um problema que é palpável, mas que está socializado nas atividades da vida humana, especialmente naquilo que alguns autores chamam de currículo oculto e que faz parte da vida dos jovens da educação, como séries, jogos, vídeos no YouTube, filmes ou seus influenciadores (SILVA, 1999). Quero dizer com isso que há agentes socializadores que fazem com que tais temas cheguem aos jovens de forma pronta e que têm o poder de influenciá-los, seja para fazer algo ou para brincar com algo. Mas o que será privilegiado a seguir são as medidas que os jovens pensam para pôr um fim às práticas de bullying no ambiente escolar.

A escola pode implementar programas de conscientização, promover a empatia entre os alunos e ter uma política de tolerância zero para o bullying. Poderiam também dar suspensão para os alunos que cometesse algum bullying e as pessoas que fizer bullying na internet poderia levar multa (Aluno, 2E)

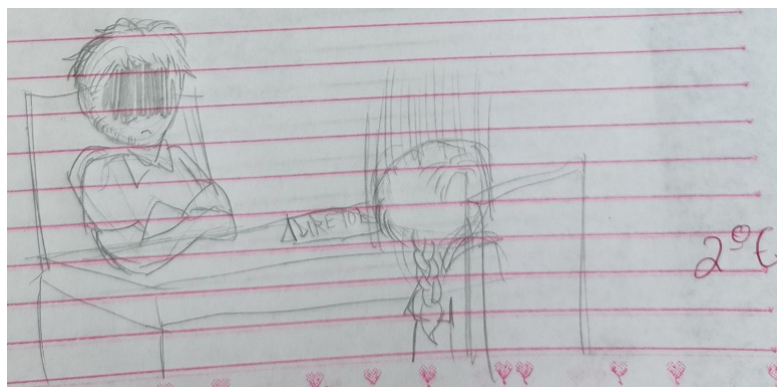
A medida em que a escola toma consciência e dependendo do caso pode atribuir suspensão, na maioria das vezes resolve. Para resolver isso na minha opinião era sentar com os pais e fala sobre o que aconteceu e entrar num acordo (Aluno, 2E).

Conforme sugeriu Olweus (1994), uma política de conscientização, especialmente de longo prazo, precisa ser implementada nas instituições para se trabalhar a temática da não prática do bullying nas escolas. Outra possibilidade apresentada pelos alunos seria que a conversa e o diálogo com os pais ou responsáveis fossem realizados para esclarecer e acabar com os conflitos existentes entre os alunos. A escola também tem a função primordial na mediação dessa tensão: para resolver o bullying, a conversa com os pais e a direção da escola pode melhorar as relações das pessoas que convivem nesse espaço social e estimular que os alunos e as alunas possam conversar sobre seus problemas com seus pais e com a direção escolar, em vez de guardá-los e adoecer devido ao acúmulo de emoções negativas.

As soluções para esse problema são, contar para alguém próximo como pai, mãe e amigos ou recorrer diretamente a escola para poder tomar alguma atitude por meio de reunião com os pais; punição para alunos que cometerem o ato de bullying, separar os alunos para não haver desavenças; a conscientização da boa interação social; além disso, acompanhamento psicológico tanto por quem comete o ato e para quem sofre, essas coisas seriam interessantes. (Aluno, 2E)

a escola colocando câmeras em todos os ambientes para identificar quem age dessa forma e a vítima, se caso já tenha ocorrido, a autoridade da escola deve chamar os pais para tomar providências, suspensão ou transferir o aluno que praticou o bullying, já seria uma grande solução. (Aluna, 2E).

Figure 2: representação feita pela aluna do segundo ano do Ensino Médio.



Fonte: nosso arquivo.

Nos chama a atenção a vontade dos jovens de resolverem os problemas pela conversa. Isso torna irreal a visão do senso comum de que moradores de zonas periféricas são agressivos ou coisa do tipo. A necessidade de estabelecer uma boa relação parece ser uma forma pela qual a escola poderia trabalhar para melhorar a convivência, como foi destacado no relato acima. Na escola em que foi desenvolvida a pesquisa apresentada aqui, já existiam mecanismos de segurança interna que objetivavam vigiar e evitar conflitos. As câmeras estão localizadas dentro e fora da escola, e mesmo assim houve momentos de tensão na instituição. Há também segurança armada e privada que visa evitar brigas ou qualquer outra atividade que ponha em risco a vida dos alunos. É preciso dizer ainda que a presença desses mecanismos de controle se fez presente, com maior força, no ambiente escolar após os ataques que ocorreram no início do ano letivo de 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bullying é uma forma de intimidação ou mesmo assédio moral, como é destacado pelo pesquisador Olweus (1994). O que foi objetivado aqui foi trazer um pouco da visão

dos alunos acerca da violência com que eles se defrontam no cotidiano escolar. De fato, a questão do bullying precisa ser tratada e discutida não somente na escola, mas também com os pais das crianças e adolescentes e com a sociedade, pois parte dos problemas que são enfrentados na escola são provenientes de outros espaços. A possibilidade de ouvir os alunos é uma forma de criar um canal de comunicação capaz de permitir aos indivíduos a externalização das emoções reprimidas por causa da violência cotidiana no ambiente escolar, bem como entender se há algum tipo de ressentimento interiorizado que possa ser discutido numa escuta atenta com diversos profissionais da educação.

Alguns alunos com quem conversamos em sala de aula afirmavam que, na realidade, o problema do bullying poderia ser resolvido na violência física ou mesmo com o uso de armas, de forma jocosa. Apesar do teor de brincadeira que enunciados desse tipo possam trazer no momento da discussão do tema em sala, é preciso entender que a resolução dos problemas por meio da violência não é proveniente da escola; esse discurso vem de fora.

Outros alunos relatam que a timidez ou alguma característica física ou intelectual faz com que eles se sintam inibidos e não consigam comunicar aos responsáveis (escola ou pais) o problema pelo qual passam. Realmente, isso dificulta o tratamento do problema, sendo a conversa com a escola e os familiares o primeiro meio de resolver violências simbólicas ou físicas que se repetem em sala de aula. Devemos atentar que o bullying cansa não somente os alunos, mas também os profissionais da educação, que muitas vezes estão exaustos com as demandas da instituição. Isso mostra que eles estão cansados de seguir o ritmo capitalista contemporâneo de desempenho produtivo, com menos tempo para cuidar de questões humanas (HAN, 2017). Esperamos que esta breve pesquisa possa contribuir na discussão e projeção de novos projetos escolares para a boa e sadia convivência na escola, bem como para os pesquisadores interessados no tema do bullying.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro, Edição FLACSO: 2012.
- ABRAMOVAY, Miriam. VARELLA, Fabiano Lima Santiago. Percepções dos alunos sobre as repercussões da violência nos estudos e na interação social na escola. IN: ABRAMOVAY, Miriam. **Escola e Violência**. Brasília: Unesco. 2002.
- BOURDIEU, Pierre (Org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis, Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da Aventura empreendedora à depressão nervosa**. São Paulo: Ideias et Letras, 2010.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

OLWEUS, Dan. Bullying at School: **Basic Facts and Effects of a School Based Intervention Program**. 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos e identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.